

O MÍSTICO APOLÔNIO DE TIANA: O MISTICISMO DE APOLÔNIO BASEADO EM BERTRAND RUSSELL

Sigelman Silva de Araujo⁴⁸

Resumo: Apolônio de Tiana foi um personagem que viveu, provavelmente, no séc. I d.C. Apesar das dúvidas sobre o possível Apolônio histórico, tal personagem teve sua vida biografada pelo sofista grego Flavio Filóstrato em a Vida de Apolônio de Tiana (VA), que descreveu fatos intrigantes sobre o mesmo, dentre esses, foram relatadas práticas de milagres que posteriormente foram comparadas aos milagres de Jesus de Nazaré, além de relatos de que o mesmo seguia a filosofia de vida de Pitágoras. Porém, nos relatos, percebe-se na obra de Filóstrato, que o Apolônio filostratiano, possui práticas místicas que se traduz nas definições de Bertrand Russell. Este artigo busca fazer compreender as práticas místicas executadas por Apolônio de Tiana nos moldes definidos por Bertrand Russell, na obra “Misticismo e Lógica” e tecer algumas considerações sobre as práticas de Apolônio, relatadas por Filóstrato no que tange ao misticismo.

Palavras-chave: Apolônio; *Vida de Apolônio de Tiana*; Misticismo.

Abstract: Apollonius of Tyana was a figure who probably lived in the 1st century AD. Despite doubts about the possible historical Apollonius, his life was biographed by the Greek sophist Flavius Philostratus in “The Life of Apollonius of Tyana” (VA), which described intriguing facts about him. Among these, miracles were reported, later compared to the miracles of Jesus of Nazareth, as well as reports that he followed the philosophy of life of Pythagoras. However, in the accounts, it is clear in Philostratus’ work that the Philostratian Apollonius possesses mystical practices that translate into Bertrand Russell's definitions. This article seeks to understand the mystical practices performed by Apollonius of Tyana as defined by Bertrand Russell in “Mysticism and Logic” and to offer some considerations on Apollonius' practices, as reported by Philostratus, regarding mysticism.

Keywords: Apollonius; Life of Apollonius of Tyana; Mysticism.

⁴⁸ Mestre em Ciências da religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade Federal de Sergipe (2025). E-mail: sigelman@ufs.br.

1. Introdução

Apolônio de Tiana viveu, provavelmente, no século I d.C., no entanto, sua trajetória, e mesmo sua realidade, são permeadas por dúvidas. Nascido em Tiana, na província romana da Capadócia, Apolônio esteve envolvido em diversas polêmicas, sendo comparado a Jesus Cristo, no século IV d.C., por Sosiano Hierócles, governador da Bitínia e perseguidor de cristãos ao lado de Diocleciano, que teria valorizado os atributos miraculosos de Apolônio contra Jesus, testemunho que, porém, não chegou até nossos dias. Apolônio teria nascido no seio de uma família nobre. Seus pais possuíam muitas riquezas, e após a morte deles, Apolônio doou sua parte para seu irmão. Quando ainda estava no ventre da sua mãe, conta a lenda que a mesma recebeu a visita de uma divindade e este anunciou que o filho que ela carregava não seria um cidadão comum, mas que nasceria um homem diferenciado de grande sabedoria. A lenda conta também que foi o espírito dessa deidade que encarnou no corpo de Apolônio e assim que ele nasceu, o céu anunciou com clarões de raios. Além disso, a aparição de um bando de cisnes, momentos antes do seu nascimento. Estes fatos estariam associados ao seu favorecimento divino.

Filóstrato, narra o nascimento de Apolônio como um momento envolto em presságios (VA, I, 5). Há, por exemplo, a menção de que ele seria a encarnação do deus Proteu, uma vez que esse deus teria aparecido à sua mãe enquanto estava grávida, predizendo o acontecimento, o que confirmaria a sabedoria divina de Apolônio (VA, I, 4).

Nas narrativas de *A Vida de Apolônio de Tiana*, este personagem filostratiano, era um filósofo pitagórico, pregava o vegetarianismo, não se vestia com roupas de pele animal, vivia uma vida aceta, diz ter morado no templo de Asclépio, fez viagens em busca de conhecimento afim de adquirir a sabedoria plena e de acordo com a hagiografia daquele tempo, era considerado um homem divino (*theios anér*).

Apolônio tinha uma boa retórica, fazia suas próprias defesas em tribunais quando acusado de praticar magia e ir de encontro aos reis da época. Em termos de religiosidade, praticava os rituais de mistérios da época e quando não concordava com algum, buscava reformá-los, principalmente aqueles que exigiam sacrifícios de animais. As narrativas o colocam como um filósofo e taumaturgo. Era um livre pensador, não era ligado a nenhuma religião institucionalizada, este ponto, leva-o a ser colocado como um místico pelas suas ações. Seus discursos e ensinamentos serviam de equilíbrio entre a ciência e a religião. Esses discursos imprimiam uma filosofia de vida difícil de ser alcançada, mas, que leva a grandes reflexões e

volta o olhar para o mistério ou para algo que os transcendem, mesmo que isso nunca seja alcançado.

Em termos filosóficos, praticava a filosofia da escola de Pitágoras, andava entre os sofistas, porém sua vida foi sempre em busca da verdade e não a manipulação desta.

Bertrand Russell, foi um filósofo, matemático e lógico, de nacionalidade britânica, que nasceu em 18 de maio de 1872 e faleceu em 2 de fevereiro de 1970, ganhador de um prêmio Nobel de Literatura em 1950. Russell teve como inspiração para escrever suas obras, justamente na indignação da opressão da religião, no livre pensar, principalmente a religião cristã, que segundo ele, atrasou o avanço científico da humanidade em muitos anos.

Justamente que o pensador estudado apresenta domínio matemático e filosófico, compreende-se o entusiasmo de Bertrand pelas ciências e pelo estímulo racional, uma vez que o mesmo compadece da arbitrariedade religiosa sob os avanços científicos do passado, em que a humanidade, segundo ele, poderia ter alcançado ascendência há tempos, se não fosse pela repressão cristã. Deste jeito, acarretou-se na submissão do ser humano de maneira prevalentemente intelectual aos dogmas designados pelo regime dominante. Bem como os tantos outros feitos que determinassem um atraso de forma educacional, étnico, de gênero, e propriamente de expressão na sociedade (JUNKES; DA CRUZ, 2021, p.125)

A escolha desse filósofo dá-se devido a sua obra, uma coletânea de ensaios intitulada *Misticismo e Lógica*. Essa obra traz uma série de ensaios e reflexões sobre como essas duas abordagens se relacionam e se contrastam. Uma busca a intuição e a experiência pessoal, a outra a razão e a evidência, debatendo entre o místico e o científico na História da filosofia. Muitas partes da VA narradas por Filóstrato, coincidem com os conceitos apresentados por Bertrand Russell que de certa forma, fundamenta as ações da vida de Apolônio de Tiana como um místico.

Os conceitos da vida e do mundo que chamamos ‘filosóficos’ são produto de dois fatores: um, constituído de fatores religiosos e éticos herdados; o outro, pela espécie de investigação que podemos denominar ‘científica’, empregando a palavra em seu sentido mais amplo. Os filósofos, individualmente, têm diferido amplamente quanto às proporções em que esses dois fatores entraram em seu sistema, mas é a presença de ambos que, em certo grau, caracteriza a filosofia (RUSSELL, 2010, p.1)

Russell entende a filosofia como algo intermediário entre a teologia e a ciência. A teologia consiste de especulações sobre assuntos a que o conhecimento exato não conseguiu até agora chegar, mas, como ciência, apela mais à razão humana do que à autoridade, seja esta a da tradição ou a da revelação. Todo conhecimento definido, ele afirma, pertence à ciência; e todo dogma quanto ao que ultrapassa o conhecimento definido, pertence à teologia.

Quando se fala em religião, geralmente discute-se sobre os dogmas, a instituição a qual ela pertence, os rituais e seus sistemas de crenças de acordo com a cultura de cada uma. Porém,

cada uma envolve-se de misticismo, uma vez que, elas têm a intensão de transcender e fazer a conexão com o Deus delas. O fato é, que cada instituição busca suas comunidades, para que, coletivamente essa conexão seja feita. Com o místico acontece de forma diferente. A busca do místico é individual, por uma jornada de evolução interior. O místico busca fundir-se com o seu Deus e ser transformado por Ele. Assim diz São João da Cruz, místico cristão, em a *Noite escura da alma*: “A alma conta, ..., o modo e maneira que teve em sair, ..., de si e de todas as coisas, morrendo por verdadeira mortificação a todas elas e a si mesma, para assim chegar a viver vida doce e saborosa, com Deus.”

Ao experienciar esta conexão com Deus, o místico sente-se parte do todo, já não há dualidade, ele e o todo são um só ou uma só coisa, o eterno está nele e a noção de espaço e tempo não mais existe, ele se torna onipresente, está em todos os lugares ao mesmo tempo.

Baseado no pensamento de Bertrand Russel, o misticismo é uma tendência de pensamento que o místico segue em suas tradições, dependendo da época. O místico valoriza muito a sua intuição, acha que espaço e tempo são ilusórios, crer que todas as coisas parte do uno e que o mal é pura ilusão. Apesar de fazer críticas a essas características, a busca pelo além do eu, era valorizado por ele na questão de transcender os limites do egoísmo.⁴⁹

2. Apolônio e a noção de espaço-tempo

O artigo ao abordar a obra *Misticismo e Lógica* de Bertrand Russell, é mister colocar conceitos sobre espaço e tempo que venham da física moderna, que muda todo aspecto destes termos em relação à física clássica newtoniana. Esses conceitos são de tamanha importância para os fenômenos naturais que envolve uma transformação de tudo o que se usa para descrever a natureza. Um dos conceitos mais importantes na física moderna é o entendimento de que massa não é mais que uma forma de energia. O universo é assim visto como um todo dinâmico e inseparável que inclui sempre o observador de um modo essencial. Nesta perspectiva, os conceitos tradicionais de espaço e tempo, de objetos isolados e de causa e efeito, perdem o seu significado. Uma tal perspectiva, no entanto, é muito parecida com a dos místicos orientais.

Fritjof Capra em sua obra *O tao da física*, 1989, afirma que a física moderna confirmou de uma forma dramática uma das ideias básicas do misticismo oriental — todos os conceitos que usamos para descrever a natureza são limitados; não são características da natureza, mas

⁴⁹ Estas declarações estão em maior explanação na obra *Misticismo e Lógica*, Bertrand Russell, p.39-40

apenas criações da nossa mente, partes de um mapa, não de um território. Quando expandimos o alcance do nosso sentir, as limitações da nossa mente racionam, tornam--se parentes e temos de modificar, ou mesmo abandonar, alguns dos nossos conceitos.

A filosofia oriental, sempre afirmou que espaço e tempo eram construções da mente. Os místicos orientais sempre consideraram estes conceitos como quaisquer outros de origem intelectual: relativos, limitados, ilusórios. Num texto budista, por exemplo, encontramos as palavras: ó monges, foi ensinado pelo Buda que o passado, o futuro, o espaço físico e indivíduos não são mais do que nomes, formas do pensamento, palavras de uso comum, meras realidades superficiais (CAPRA, 1989, p.137)

Algumas passagens da VA nas narrativas de Filóstrato, alinha a vida de Apolônio, como místico, ao pensamento de Bertrand Russel. No que tange a ilusão do espaço-tempo. Vale ressaltar que esse tipo de pensamento sobre o espaço-tempo, não é algo que permeia o cotidiano e nem o mundo científico. Esse tipo de pensamento, parte do místico que tem a sua consciência transformada e, como diz Russell na citação acima, o místico tem um sentimento mais profundo do que o cidadão comum acredita sobre o universo. Filóstrato conta que Apolônio de Tiana fez uma viagem para Éfeso, apenas dizendo uma palavra, como se a distância e o tempo não existissem. Apenas uma pessoa conectada com o todo absoluto poderia praticar algo tão fantástico: “O misticismo é pouco mais, em essência, do que uma certa intensidade e profundidade de sentimento em relação ao que se acredita sobre o universo.” (RUSSELL, 2001, p.31).

Algumas passagens da VA nas narrativas de Filóstrato, alinha a vida de Apolônio, como místico, ao pensamento de Bertrand Russel. No que tange a ilusão do espaço-tempo. Vale ressaltar que esse tipo de pensamento sobre o espaço-tempo, não é algo que permeia o cotidiano e nem o mundo científico. Esse tipo de pensamento, parte do místico que tem a sua consciência transformada e, como diz Russell na citação acima, o místico tem um sentimento mais profundo do que o cidadão comum acredita sobre o universo. Filóstrato conta que Apolônio de Tiana fez uma viagem para Éfeso, apenas dizendo uma palavra, como se a distância e o tempo não existissem. Apenas uma pessoa conectada com o todo absoluto poderia praticar algo tão fantástico.

[...] mas quando a peste atingiu os efésios e nada foi eficaz contra ela, eles enviaram uma delegação a Apolônio, nomeando-o seu médico. Ele achou que não deveria adiar a viagem, mas que, ao simplesmente dizer ‘Vamos’, estaria em Éfeso..., então, depois de reunir os efésios, disse-lhes: ‘Tende bom ânimo, pois hoje porei fim à peste’ (VA, IV, 10)

3. Apolônio e a conexão com o Uno (Deus)

É certo que nas narrativas de Filóstrato sobre Apolônio, o mesmo fez viagens para a Índia, mantendo contato com os brâmanes. É fácil deduzir que a sabedoria destes foi adquirida pelo nosso personagem. A sabedoria hindu, assim como outras culturas, como a egípcia que fala em expansão da consciência e alquimia espiritual através do hermetismo, trata essa questão da conexão com o Uno pela elevação da consciência. Esta elevação faz-se em níveis hierárquicos, a partir do nível mais baixo, mundo material, até o mais alto, mundo espiritual ou da consciência elevada, onde a subjetividade fala mais que a objetividade. Wilker verte essa questão dizendo existir seis níveis nessa hierarquia:

- O Físico – matéria/energia não-viva;
- O Biológico – matéria/energia viva. prânica, sensitiva;
- O Mental – ego, lógica, pensamento;
- O Sutil – o arquetípico, transindividual, intuitivo;
- O Causal – radiância sem forma, transcendência perfeita e;
- O Supremo [não-dual] – consciência enquanto tal, a fonte e a natureza de todos os outros níveis.

Ele traduz esses níveis da seguinte forma:

Atravessando o domínio causal, a consciência desperta mais uma vez, agora em sua morada absoluta. Essa é a Consciência enquanto Tal; ela não é apenas o limite infinito do espectro do ser, mas é também a natureza, a fonte e a ipseidade de cada nível do espectro. Ela permeia radicalmente tudo, e não existe outra além dela. A essa altura — mas não antes — todos os níveis são experimentados como manifestações perfeitas e equivalentes desse Mistério Supremo. Aí não há níveis nem dimensões, não há mais alto nem mais baixo, não há sagrado nem profano; aí o real é tão ostensivo que o zen o descreve assim: [...] Enquanto o vento embala os salgueiros Gotas de veludo movem-se no ar Enquanto a chuva cai sobre as flores da pereira Borboletas brancas saltitam no céu (WILKER, 1979, p. 2)

A conexão com Deus do Apolônio de Filóstrato se dá em diversos momentos das narrativas, levando em consideração o que se pensava sobre Deus ou deuses, na Grécia, na antiguidade tardia. A primeira conexão foi no ventre de sua mãe quando uma deidade apareceu a ela dizendo que o filho seria sua reencarnação.

Uma segunda conexão dá-se na situação em que Apolônio morava no templo de Asclépio, como disse Filóstrato, e lá, ele curava os doentes tendo Asclépio como seu Deus da cura, ao mesmo tempo que tinha a aceitação desse Deus, mostrando como a consciência deste personagem se identificava em pureza com o todo absoluto.

[...] ele vestiu-se descalço e cobriu-se com roupas de linho, rejeitando as feitas de animais. Deixou o cabelo crescer e foi morar no templo. Os habitantes do templo ficaram admirados com ele, e Asclépio, tendo um dia declarado ao sacerdote que estava feliz em curar os doentes com Apolônio como testemunha (VA, I,8)

4. Apolônio e a intuição

Segundo (GALINDO et al, 2017, p. 280), se o tempo mensurável está contaminado pelo espaço, então: como operar com o tempo duração correlato da intuição? A saída de tal encruzilhada é encontrada na intuição que logra tratar o tempo em sua duração, sem deter--se exclusivamente em estados dados ou em binarismos baseados na espacialização. A intuição é um método, cujo elemento motor não se reduz à vontade inteligente nem a uma determinação instintiva. Ele também cita Deleuze, que diz: “Trata-se de operar uma gênese da intuição, isto é, de determinar a maneira pela qual a própria inteligência se converte e é convertida em intuição” (Deleuze apud GALINDO et al, 2017, p. 281).

Para *GALINDO et al*, compreender a maneira como essa gênese acontece é necessário porque não podemos simplesmente dizer, sem nada explicar, que a intuição é o salto que nos eleva às condições do dado, ou seja, ao monismo do real, pois esse salto abriria margem para diversos tipos de transcendência, de sorte que estaríamos num flerte perigoso com teologismos e suas revelações místicas diversas.

Em relação a intuição, Bertand Russell diz ser essa o mais direto momento de iluminação de um homem. Apesar de que, ele valoriza muito mais a intuição treinada, aquela que a pessoa por estudos racionais e complexos, consegue ver as tendências das coisas e, por uma lógica, acertar determinado fato ou acontecimento, ele não descarta a questão poética da intuição e, é aí, que entram os místicos, pois, eles buscam sempre algo mais além dos sentidos e da razão. Porém, do ponto de vista do misticismo, a intuição, mesmo que seja algo além dos sentidos e da realidade, é algo que precisa ser treinada. O místico precisa de muita prática para exercer tal iluminação, como: a prática do silêncio; saber silenciar a mente com práticas de meditação e outras técnicas.

O primeiro e mais direto resultado do momento de iluminação é a crença na possibilidade de uma forma de conhecimento que pode ser chamada de revelação, lucidez ou intuição, em contraste com os sentidos, a razão e a análise, considerados guias cegos que conduzem ao pântano da ilusão. A ideia de que existe uma realidade por trás do mundo das aparências, profundamente diferente dele, está intimamente relacionada a essa crença (RUSSELL, 2001, p. 39)

Na VA, narra-se que Apolônio praticou o silêncio por cinco anos ⁵⁰e, assim, ele disse conhecer as outras línguas, porque o silêncio fala mais do que palavras, fazia práticas de meditação, vivia uma vida aceta e contemplativa. Conhecia o espírito da natureza. – Isso se revela nas ‘passagens do cão raivoso e do leão domesticado – sendo assim, o mesmo era dotado de grande intuição e muitas vezes era chamado para avaliar algumas questões como na passagem da terra com um grande tesouro. As práticas de Apolônio, eram necessárias para a purificação de corpo e alma. A não violência, a compaixão e o desapego, desta forma o ego e o medo não afloravam, dando condições para a intuição mística.

[...] enquanto as vinte mil dracmas estavam em suas mãos, elas dependiam apenas dele, mas o campo obtido em troca estava exposto à geada, ao granizo e a outros eventos que estragam as colheitas. Mas, pouco depois, ele encontrou uma ânfora contendo três mil dáricos perto da colmeia no pomar e obteve uma fruta abundante do olival. (VA, VI, 39)

Em uma outra passagem onde a intuição de Apolônio aflorou, trata-se de o mesmo, mesmo em uma cidade distante de Roma, ter intuído sobre a morte do imperador Domiciano, como se estivesse no local, narrando o fato. Como em um momento de sua vida, ele teria sido preso por este mesmo imperador devido às suas oposições à tirania, o mesmo narrou o fato com muita ênfase.

Isso estava acontecendo em Roma, mas ele estava sendo visto por Apolônio em Éfeso. Pois ele estava conversando no bosque perto do bosque de álamos ao meio-dia, quando os eventos no palácio estavam ocorrendo. A princípio, baixou a voz, como se estivesse assustado, depois continuou a explicar, embora lhe faltasse um pouco da clareza característica daqueles que, ao falar, se distraem com outra coisa. Depois, calou-se, como aqueles que perdem o fio da meada, lançou um olhar terrível para o chão e, avançando três ou quatro passos de sua plataforma, exclamou: ‘Golpeie o tirano, golpeie-o!’ - Não como alguém que desenha um reflexo da verdade em um espelho, mas como se a estivesse vendo e parecesse participar da ação (VA, VIII, 26)

5. Apolônio e a concepção do mal

De acordo com alguns dogmas religiosos, o homem vive em busca de uma realidade perfeita. Se há essa busca, deduz-se que o mundo concreto onde ele vive, é envolto de caos com dificuldades gritantes no percurso da vida, sendo assim, não se pode negar o mal, porém, buscar a harmonia em tudo – felicidade plena - e viver em paz perfeita, não se define em erro. Para o místico essa realidade perfeita é o encontro do seu Eu com Deus, um casamento perfeito, onde

⁵⁰ Apolônio fez essa prática de cinco anos de silêncio porque ele seguia os critérios da escola de Pitágoras e essa era a primeira iniciação do homem ao adentar nessa escola.

nada mais é dado a ser ruim. Deste modo, pode-se falar de Shangri-Lá, paraíso fictício em um vale místico, escondido nas montanhas do Tibete, descrito no romance de 1933 “Horizonte Perdido” ou Agharta que no imaginário do budismo e do hinduísmo acha-se associada ao *axis mundi*, uma cidade sagrada localizada em uma quarta dimensão.

Dentro do misticismo, é pressuposto à força maior de que tudo tenha que mostrar certeza e beleza, pois pregam que toda Realidade é boa, assim prospectam uma idealização de um mundo superior e desejável. Em consequência, a natureza mística caracteriza que todo mal que existe no mundo é coagido à ilusão, assim muitas vezes como o bem pode ser coagido. Já para as pessoas, podem-se haver interferências quanto a esta informação, ao considerar nem todas as coisas como certas. A relatividade entre certo e errado nas ações humanas concebe uma grande questão moral do que é dito pelo místico ou o que é feito pelos humanos (RUSSELL *apud* JUNKES; DA CRUZ, 2021, p. 135)

No que concerne à questão de o mal ser uma ilusão no misticismo, Bertrand Russell, apesar de acreditar que o místico tenha esse pensamento, faz críticas a esse argumento, ele não defende que o mal é ilusório. O místico acredita que tudo vem do Todo Absoluto (Uno) e como este é criador e perfeito, nada de mal vem de lá, assim, o mal é uma ilusão, produto de nossas mentes. A crítica de Russell parte justamente dessa polêmica, pois, se há sofrimento e injustiça e tudo isso é ilusão, acha-se que o cósmico resolverá essa questão, dissolvendo-os em algum momento. Sendo assim, o místico pode achar desnecessário lutar e combater o mal. O senso de unidade do místico, está associado a uma sensação de paz infinita.

A última das doutrinas do misticismo que devemos considerar é a sua crença de que todo mal é mera aparência, uma ilusão produzida pelas divisões e oposições do intelecto analítico. O misticismo não sustenta que coisas como a crueldade, por exemplo, sejam boas, mas nega que sejam reais: pertencem àquele mundo inferior de fantasmas do qual a lucidez da visão nos libertará (RUSSEL, 2001, p. 40)

Ao se interpretar as narrativas de Filostrato sobre Apolônio, pode-se entender que, ele tem esse senso de unidade associada a uma sensação de paz infinita, porém é algo como: toda mudança parte de si mesmo, evoluindo o eu interior quebrando o ego, para logo após espalhar-se para todos. Apolônio não tinha o mal como ilusório, - convergia com Russell -, ele sabia de sua existência e suas consequências através da tirania dos imperadores, da fome, das doenças e das injustiças e contrário, a não lutar contra isso e esperar a solução do tipo o reino de Deus na terra, ele as combatia, usava o templo de Asclépio para promover curas, através de seus discursos filosóficos fez oposições a imperadores tiranos e salvou uma pessoa do enforcamento injusto, deu muitos conselhos a imperadores para praticarem a justiça entendendo que a ausência do bem era quem causava aquele mal instalado. Apesar de praticar todas essas coisas para combater o mal, Apolônio achava que o mal maior, era os cidadãos não conhecerem a natureza de Deus e do mundo.

[...] quando se aproximou e o cumprimentou, o rei falou com ele em grego e o convidou a celebrar o sacrifício com ele. Um cavalo branco, um legítimo cavalo nissiano, era o que ele estava preparando para sacrificar ao Sol, adornado com toucas como se fosse para uma procissão. E em resposta, disse-lhe: - 'Celebre o sacrifício, rei, à sua maneira, e permita que eu o celebre à minha'. E, pegando um punhado de incenso, disse: - 'Sol, envie-me a um lugar na Terra tão distante quanto pareça a você e a mim, para que eu possa conhecer os homens bons; mas quanto aos maus, talvez eu não os conheça, nem eles a mim.' (VA, I, 32)

6. Considerações finais

Diante do que foi apresentado, vimos como Filóstrato projetou em seu Apolônio, com intenção ou não, características comuns de um místico da sua época e que podem ser perfeitamente alinhadas ao pensamento de Bertrand Russell, tais como:

- A noção de espaço-tempo de um místico, que para Russell, é uma característica de quase todos os metafísicos místicos, onde eles negam a realidade do tempo. Isso resulta da negação da divisão. Se tudo é um, a distinção entre passado e futuro deve ser ilusória;

- A conexão com a unidade. Essa crença na unidade, que é típica do misticismo, não admite oposição ou divisão quando o místico o conecta, neste momento, criador e criatura são uma coisa só;

- A intuição, que para Russell, é o primeiro e mais direto resultado do momento de iluminação. É a crença na possibilidade de uma forma de conhecimento que pode ser chamada de revelação, lucidez ou intuição.

- A questão da concepção do mal. Russell diz que, essa é a última das doutrinas do misticismo que devemos considerar. A sua crença de que todo mal é mera aparência, uma ilusão produzida pelas divisões e oposições do intelecto analítico. O misticismo não sustenta que coisas como a crueldade, por exemplo, sejam boas, mas nega que sejam reais: pertencem àquele mundo inferior de fantasmas do qual a lucidez da visão nos libertará.

Desta forma, pode-se imaginar, não só uma hagiografia de um homem divino, mas também, de um homem místico. Essas duas características hagiográficas se entrelaçam, mas existem diferenças sutis a serem analisadas.

Essa questão do misticismo também abre uma reflexão de como o autor Filóstrato, que era sofista, tinha um alinhamento poético com as filosofias de Pitágoras e Plotino e projetou essa poesia em seu personagem Apolônio de Tiana.

Bertrand Russell, em sua obra *A filosofia entre a religião e a ciência*, diz: entre a teologia e a ciência existe uma Terra de Ninguém, exposta aos ataques de ambos os campos:

essa Terra de Ninguém é a filosofia. Pode-se acrescentar nesse contexto, pela liberdade de pensamento em relação às limitações da teologia, o misticismo.

7. Referências bibliográficas

CAPRA, Fritjof. *O tao da física: uma análise dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental*. Editora Presença, 1989.

FILOSTRATO, Flavio. *A Vida de Apolônio de Tiana*. Editorial Gredos, Madrid, 1992.

GALINDO, Dolores et al. Intuição para Bergson e Deleuze: atravessamentos por devires da pesquisa em Psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 2, p. 277-283, 2017.

JUNKES, Jairo Demm; DA CRUZ, Brianna Elisabeth. Introdução ao debate entre misticismo, religião, filosofia e ciência pela perspectiva da ideologia e da opressão na obra de Bertrand Russell. *Profanações*, v. 8, p. 123-140, 2021.

RUSSELL, Bertrand. *Misticismo y lógica*. Edhasa, 2001.

RUSSEL, Bertrand. *A filosofia entre a religião e a ciência*. Universidade Falada, 2010.

SÃO JOÃO, DA CRUZ. *A noite escura da alma*. Rio de Janeiro: Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro, 1960.

WILBER, Ken. *FÍSICA, MISTICISMO E O NOVO PARADIGMA HOLOGRÁFICO*. 1979.